

Apresentação de um estudo de Sérgio Ribeiro
(Festa do Avante, 8.9.2012)

1. Tive a honra de contar, por duas vezes, com o Sérgio Ribeiro para apresentar este livro meu cuja 4ª edição foi agora lançada. Para além da honra, foi uma sorte, porque, como diria um qualquer bem-falante, o Sérgio Ribeiro *é uma mais-valia...*, capaz de construir uma obra de arte a partir do nada.

Hoje, tenho a honra de poder apresentar este trabalho do Sérgio Ribeiro. Ele é que não tem sorte com o apresentador, incapaz de dar conta do muito que está contido neste livro aparentemente pequeno mas muito pensado, muito trabalhado, muito denso.

Resta-me, caro camarada, lamentar a tua má fortuna, porque não fui capaz (nem tinha o direito) de recusar o teu convite.

2. Neste trabalho, procura o Autor identificar a essência e a importância do **contributo de Marx para o marxismo**.

Não faria sentido eu tentar resumir o seu conteúdo. Limitar-me-ei a algumas notas, muitas vezes transcrevendo o texto do Sérgio.

1ª NOTA: o relevo dado à confissão de Marx de “ter suado as estopinhas para chegar às próprias coisas, quer dizer, à sua conexão”.

Um dos contributos de Marx para o marxismo é a permanente e autêntica “**lição de rigor e de modéstia**” que ele nos dá. Não se chega às coisas sem **muito trabalho** (sem **suar as estopinhas**) e o importante, para os marxistas, é **chegar às coisas, às suas conexões**.

2ª NOTA: o marxismo não acabou com Marx: ele é apenas o ponto de partida. O *Capital* não é uma construção acabada, não é uma **bíblia** e Marx não é o nosso **Profeta**. O marxismo **não é um dogma**, mas um **método de análise**, cuja validade há-de sempre confirmar-se confrontando-o com a realidade. E a realidade não é algo de definitivo, porque “todo o mundo é composto de mudança”.

O marxismo é **uma metodologia para abordar, ler e compreender a realidade**, mas **não há catecismos** no marxismo, **não há pensamento único** no marxismo.

3ª NOTA: o marxismo é também **um guia para a ação**. Embora a realidade se vá transformando “sem estar à espera dos nossos esforços para a transformar”, é importante levar a sério a injunção de Marx na *11ª Tese sobre Feuerbach*: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes. A questão, porém, é transformá-lo”.

Sabemos que “o capitalismo por si, e por si só, não rebentará. Procurará sempre novas saídas, (...) intensificando a exploração até ao limite do suportável”.

Sabemos também que “não há nenhuma receita para a transformação do mundo. A questão é que há que transformá-lo”. A nosso favor temos a consciência de que, como sublinha Eric Hobsbawm (*A Era dos Extremos*), “o futuro não pode ser uma continuação do passado, e há sinais, tanto externamente como internamente, de que chegámos a um ponto de crise histórica. (...) O nosso mundo corre o risco de explosão e de implosão. Tem de mudar”.

4ª NOTA : Só conseguiremos **transformar o mundo encurtando o limite do suportável**. E esta é uma tarefa da **luta de classes**, cujo êxito depende da correlação de forças entre o trabalho e o capital, porque dela depende a ocorrência do **momento histórico** em que, inviabilizada a **exploração** que é a **essência** do modo de produção capitalista e o **combustível** que permite o seu funcionamento, se abre uma “**época de revolução social**” e o capitalismo chega ao fim do caminho.

Por isso é que – por mais que se escandalizem com esta ‘verdade dinossáurica’ os aproveitadores e os servidores da ordem estabelecida – **a história da humanidade até aos nossos dias é a história da luta de classes**. Por isso é que **a luta de classes é o motor da história**.

5ª NOTA : Nos dias de hoje, é particularmente importante a “vertente ideológica da luta de classes”.

O grande capital financeiro controla, praticamente em monopólio, a produção da **ideologia dominante**, que é, como sempre foi, a **ideologia das classes dominantes**, cada vez mais a ideologia dominante do setor dominante das classes dominantes, a ideologia do **pensamento único**, a **ideologia TINA** (*There is no alternative*), a ideologia de que **não há alternativa ao mercado, ao capitalismo, à livre circulação de capitais, à política de globalização neoliberal**.

Aos trabalhadores intelectuais cabe, pois, uma importante tarefa na empreitada de **transformar o mundo** : temos o dever de resistir, **no terreno do trabalho teórico** (que nos ajuda a compreender a realidade para melhor intervirmos no sentido de a transformar) e **no terreno da luta ideológica** (que nos ajuda a combater os interesses estabelecidos e as ideias feitas), porque a luta ideológica – insisto, com o Sérgio Ribeiro, que tem combatido muito e bem nestes terrenos – é, hoje mais do que nunca, um fator essencial do combate político, das lutas sociais, da **luta de classes**.

6ª NOTA: O contributo de Marx para o marxismo não se esgota no tempo em que ele investigou, escreveu e atuou nas lutas sociais.

Porque Marx procurou, sobretudo, “encontrar as dinâmicas da história da Humanidade”, “com uma base teórica que lhe permitiu construir uma interpretação do passado capaz de ajudar a extrapolar para o tempo a ser vivido”.

Neste trabalho, o Sérgio Ribeiro dedica particular atenção à presença da moeda na história do funcionamento do modo de produção capitalista. E a análise que faz do contributo de Marx nesta matéria ilustra muito bem, a meu ver, o que quero destacar nesta 5ª nota.

Concebendo as **relações de produção** como **relações sociais entre seres humanos** (ou **entre classes sociais**) **com coisas de permeio**, a **coisa específica** que intervém nas relações de produção capitalistas é o **dinheiro**, como **meio de troca**, como **mercadoria universal**.

Na sua análise, Marx tomou em conta apenas o **dinheiro metálico**, porque – explica ele – naquela “primeira época da produção capitalista”, o **dinheiro simbólico (fictício)** é “uma especialidade de certos estados” e o **dinheiro creditício** “ainda não está desenvolvido (...), não desempenha nenhum papel, ou [desempenha um papel] apenas insignificante”.

Acontece que o **dinheiro fictício** e o **dinheiro creditício** ganharam um enorme relevo e uma importância crescente a partir do início da década de 1970, com a decisão unilateral da Administração Nixon de romper com os *Acordos de Bretton Woods*, deixando de garantir a conversão do dólar em ouro a uma certa paridade.

Esta **desmetalização do dinheiro**, esta **desmaterialização da circulação monetária** está na origem da **financeirização** da economia capitalista e do desenvolvimento da **especulação** como modo de atuação do capital financeiro (que descobriu um modo autónomo de ganhar dinheiro), transformando o capitalismo em **capitalismo de casino** desligado da economia real.

A atualidade de Marx e do método marxista de abordagem da realidade fica às claras se lermos este trecho extraído pelo Sérgio Ribeiro do Livro Terceiro de *O Capital*:

“Se o sistema de crédito é o propulsor principal da superprodução e da especulação excessiva e acelera o desenvolvimento material das forças produtivas e a formação do mercado mundial, o crédito acelera (ao mesmo tempo) as erupções violentas (as crises), levando a um sistema puro e gigantesco de especulação e de jogo”.

Marx não valorizou, nos seus escritos, o papel do **dinheiro creditício**, porque, no seu tempo, o dinheiro creditício **ainda** não estava desenvolvido. Mas a verdade é que, mesmo sem ser **bruxo**, Marx foi capaz de compreender que a realidade do seu tempo iria mudar. Os seus **conceitos teóricos** e a **metodologia** da sua abordagem da realidade permitiram que ele antecipasse um tempo em que **é indispensável estudar e valorizar o papel do dinheiro creditício**, porque o seu desenvolvimento iria conduzir o capitalismo a **“um sistema puro e gigantesco de especulação e de jogo”**.

A metodologia marxista ajuda-nos a compreender e a perspetivar as mudanças que definem as formas que o capitalismo vem assumindo neste nosso século. Cabe aos marxistas **suar as estopinhas** para aprofundar a análise teórica com o mesmo **rigor** e a mesma **humildade** de Marx, por forma a compreendermos melhor a realidade que nos cerca e intervirmos corretamente no sentido de a transformar.

Sérgio Ribeiro faz isto mesmo a propósito desta problemática do **dinheiro fictício** e do **dinheiro creditício**, ajudando-nos a conhecer as raízes e a natureza da crise que anda por aí à solta, que não pode explicar-se convenientemente com base na ‘teoria’ das **bolhas** ou dos **excessos** cometidos por alguns malandros ou mesmo pelos **mercados** (que, descobriu a *angelical* Angela Merkel, também cometeram excessos, os malandros... Quem diria...).

Sérgio Ribeiro conclui, a este propósito, que “o esforço para contrariar a **baixa tendencial da taxa de lucro** pela via da **especulação** é novo vetor suicidário do sistema que só sobrevive com a **intensificação da exploração** até ao limite do suportável”. E acrescenta: “os problemas criados pelo ‘escape’ do capital dinheiro fictício e creditício não se resolvem com a injeção de mais dinheiro e de mais crédito”. Por esse caminho, “agudizam-se e criam-se novos problemas”.

É esta a nossa certeza: “a única via real pela qual o modo de produção e a organização social que lhe corresponde caminham para a sua dissolução e a sua metamorfose – escreveu Marx – é o desenvolvimento histórico dos seus antagonismos permanentes”. As contradições que se vão desenvolvendo no seio do capitalismo vão minando a sua capacidade de resistência. Longe de ver garantida a sua eternidade, o capitalismo caminha para o seu fim. Só não sabemos quando ele chegará.

3. E mais não digo. Se assim o entender, o Sérgio desenvolverá estes temas, que ele domina muito melhor do que eu.

A apresentação de uma obra não deve substituir a sua leitura por aqueles a quem ela se destina. Porque cada leitor fará dela a sua própria leitura e enriquecerá, com o seu contributo, o contributo do autor. Ponto é que haja leitores dispostos a **suar as estopinhas**. Fica o desafio. É um bom exercício, recomendado a todos os marxistas militantes, empenhados em dar o seu contributo para transformar o mundo. Sem teoria revolucionária não há ação revolucionária.